

NARRATIVAS ORAIS E SEUS RITUAIS DE PROTEÇÃO DE VIDA: MEMÓRIA E ORALIDADE

ORAL NARRATIVES AND THEIR LIFE PROTECTION RITUALS: MEMORY AND ORALITY

Milca Ferraz de Campos¹
Walnica Aparecida Matos Vilalva²

Recebimento do Texto: 16/02/2025

Data de Aceite: 13/03/2025

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma base teórica pelo viés da memória e da identidade coletiva com interação com a comunidade quilombola de *Mata Cavalo*, da cidade de Nossa Senhora do Livramento, aproximadamente 60 km de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, das narrativas coletadas. O objetivo é refletir, teoricamente, sobre as forças das narrativas orais na transmissão do conhecimento ancestral e a construção das identidades culturais quilombolas.

Palavras-chave: Memória. Oralidade. Quilombolas.

Abstract: This work aims to present a theoretical framework for the collected narratives, focusing on memory and collective identity, through interaction with the quilombola community of *Mata Cavalo*, located in the city of Nossa Senhora do Livramento, approximately 60 km from Cuiabá, the capital of the state of Mato Grosso. The objective is to reflect theoretically on the power of oral narratives in the transmission of ancestral knowledge and the construction of quilombola cultural identities.

Keywords: Memory. Orality. Quilombolas.

¹ Milca Ferraz de Campos. Pós- Graduada em Educação Especial pela Faculdade Integrada de Várzea Grande – FIAVEC. Mestranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT, campus de Tangará da Serra, sob a orientação de Walnica Vilalva. É bolsista CAPES e professora da SEDUC/MT. E-mail: milca.ferraz@unemat.br

² Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2004), Pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo – USP (2016). Pós-doutorado em Literatura Brasileira (em andamento) pela Universidade Federal de Londrina. É professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. Atuou como coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários-PPGEL, gestão 2009-2013 e 2020-2023. É coordenadora do Núcleo de pesquisa Wlademir Dias-Pino. É editora do Suplemento Literário Nôdoa no Brim e da Revista Alere (Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários) E-mail: walnica.vilalva@unemat.br

Introdução

Esse artigo foi inserido no complexo da comunidade cultural quilombola, onde a história é transmitida oralmente de geração em geração, afirmamos que a vivência nos impulsionou a trilhar um caminho acadêmico para compreender, valorizar e fortalecer os saberes da comunidade e, assim, contribuir à memória e história cultural de *Mata Cavalo* uma comunidade quilombola do Estado do Mato Grosso.

Apresentamos assim, no *VI Colóquio* da Universidade do Estado do Mato Grosso, um estudo da memória e da oralidade que são extremamente importantes para o fortalecimento da raiz dos antepassados e a riqueza de saberes da diversidade cultural, vimos a importância de um artigo sobre os povos originários, com destaque para as comunidades quilombolas, na construção de uma sociedade mais justa e equitativa, além de garantir a realização de um arquivo de memórias como bens históricos e patrimônio cultural brasileiro.

Por isso, ao investigar a memória e a oralidade, estamos resgatando narrativas silenciadas, valorizando culturas diversas e contribuindo para a descolonização do conhecimento. Buscando caminhos que valorizam o conhecimento do sujeito quilombola e propiciando a edificação e conhecimento como fatores de riqueza da cultura, assumindo a importância do estudo no/ sobre desenvolvimento de grupos sociais, cujo os saberes podem ser reavivados e conhecidos de forma educativa.

A oralidade pela memória coletiva

A memória e a história são elementos fundamentais para a identidade dos povos originários. Ao transmitir oralmente seus conhecimentos e histórias, as comunidades preservam sua cultura e fortalecem seus laços comunitários. A narrativa oral e a história oral ganham relevo nesse artigo, pois substituindo o livro, as fontes documentais escritas, oferecem uma visão complexa e desconhecida do passado brasileiro, quanto à sua diversidade e pluralidade. Em François Hartog, em *O Espelho de Heródoto*, a literatura oral é discutida no contexto da transmissão de saberes e histórias nas pré-modernas e culturas em sociedades sem escrita.

Hartog examina como a oralidade desempenha um papel crucial na formação da identidade coletiva e na construção cultural, funcionando como um veículo para a preservação de tradições e valores. A literatura oral, não se limita às narrativas contadas, mas inclui canções, provérbios e rituais que são passados de geração em geração. Esses elementos orais não são apenas entretenimento; eles têm uma função social e educativa, ajudando a manter a coesão social e a transmitir ensinamentos sobre a vida, a moralidade e a experiência humana.

O Espelho de Heródoto, intitulado *O Olho e o Ouvido*, Hartog explora a dualidade entre observação visual e narrativa oral na obra de Heródoto, e como esses elementos influenciam a construção e representação do “outro”. Hartog argumenta que, para Heródoto, a visão é um meio de validação e verificação da realidade, enquanto o ouvido, ligado à oralidade, está mais relacionado à transmissão de histórias e conhecimentos que não podem ser transmitidos diretamente. Hartog explora como a tradição oral não apenas molda o conteúdo do texto de Heródoto, mas também influencia o estilo e a estrutura narrativa. Heródoto escuta e registra versões das histórias que ouviu, criando um mosaico de percepções que reflete tanto o ponto de vista grego quanto as complexidades do outro. Este uso da literatura oral e da escuta ativa permite que ele construa narrativas ricas em detalhes culturais e interpretações, algo que também introduz desafios, como a exclusão das informações e a possibilidade de distorções.

Por sua vez, em Maurice Halbwachs, ao construir uma base teórica sobre a memória, complementa as bases defendidas por François Hartog, ao examinar e defender a memória coletiva como formada e mantida em grupos sociais, muitas vezes através de histórias, lendas e práticas culturais que são passadas de geração em geração. Argumenta-se que a memória individual está sempre ligada aos “quadros sociais”, que fornecem o contexto para que uma comunidade mantenha e recrie suas lembranças coletivas.

Esses processos são fundamentais para a literatura oral, pois histórias e saberes tradicionais sobrevivem pela transmissão verbal em comunidades. Esse tipo de narrativa conserva aspectos culturais, valores e até mesmo elementos de identidade, características que Halbwachs destaca ao descrever o impacto do coletivo na formação e preservação das memórias.

Preservar a memória é fundamental para a compreensão de identidade de um determinado grupo, pois o grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo (HALBWACHS, 1990, p.87).

Halbwachs explora a identidade cultural como um aspecto inseparável da memória coletiva de um grupo. Para ele, a identidade cultural de uma comunidade é formada e reforçada pelas lembranças compartilhadas que o grupo construiu e mantém ao longo do tempo. Esses quadros de memória coletiva são organizados em torno das experiências e referências comuns que os membros do grupo constantemente relembram e reinterpretam. Halbwachs argumenta que a identidade cultural não é fixa, mas é continuamente reforçada e adaptada pelas práticas de gravação, que ocorrem em espaços e momentos significativos, como rituais, festividades e encontros comunitários. Por meio da literatura oral, como histórias, mitos e lendas, essas lembranças e valores são transmitidos, permitindo que cada geração compreenda e se identifique com as raízes culturais do grupo. Assim, a obra de Halbwachs destaca que a memória coletiva é como um mecanismo de continuidade cultural, pois é por meio dela que a comunidade preserva e afirma suas características essenciais, adaptando-se sem perder a identidade.

A literatura oral, nesse contexto, torna-se um canal vital para a sustentação da identidade cultural, pois através dela, a memória coletiva é transmitida, reforçando o sentido de pertencimento e continuidade histórica que definem uma cultura.

Inserindo Amadeu Amaral nesse debate, a partir do seu livro *Tradições Populares*, mais especificamente o capítulo “paramiologia” e a literatura oral, se torna ainda mais evidente a defesa por uma literatura oral, uma vez que Amaral explora como as opiniões populares sobre doenças e curas estão profundamente enraizadas na cultura e na oralidade das comunidades. O autor ilustra que a literatura oral, composta por contos, lendas e mitos, serve como um importante meio de transmissão do conhecimento sobre práticas de cura, oferecendo explicações sobre a origem das doenças e os rituais associados a elas. Amaral destaca, por exemplo, o papel dos curandeiros e benzedeiras, cuja expertise é

frequentemente passada de geração em geração por meio da oralidade. Essas histórias não apenas informam sobre as práticas curativas, mas também refletem a identidade cultural das comunidades, mostrando como elas interpretam e lidam com o sofrimento. Além disso, a literatura oral atua como uma forma de preservar a memória coletiva, mantendo vivas as experiências e saberes acumulados sobre saúde e doença, mesmo em face das transformações sociais.

No capítulo sobre *paramiologia*, em *Tradições Populares* de Amadeu Amaral, a interconexão entre identidade cultural e literatura oral é evidente e essencial para a compreensão das práticas e implicações populares relacionadas a doenças e curas. Amaral destaca que a literatura oral, composta por contos, lendas e mitos, é um veículo fundamental para a transmissão do conhecimento sobre práticas curativas, que estão intrinsecamente ligadas à cultura local. Essas narrativas não apenas explicam a origem das doenças, mas também oferecem um contexto social e cultural que ajuda a moldar a identidade de uma comunidade.

As histórias contadas oralmente refletem a maneira como as comunidades interpretam a saúde e o sofrimento, e muitas vezes incluem personagens como curandeiros e benzedeiras, que representam o saber tradicional. Essas figuras são emblemáticas de identidade cultural, pois incorporam valores, rituais e práticas que são passados de geração em geração. Através da oralidade, as tradições são preservadas, a memória coletiva é mantida viva, fortalecendo a coesão social e o sentimento de pertencimento. Assim, o capítulo de Amaral evidencia que a *paramiologia* não é apenas uma questão de saúde, mas também um aspecto vital da identidade cultural das comunidades. As propostas e práticas que cercam as doenças estão enraizadas em narrativas que moldam a forma como as pessoas se veem e se relacionam com o mundo. Dessa forma, a literatura oral não serve apenas como um meio de transmissão de saberes, mas também como uma ferramenta de afirmação e valorização da identidade cultural, promovendo a continuidade das tradições e a resiliência das comunidades diante das mudanças sociais.

A Memória Coletiva e a oralidade

Aqui, nos deparamos um recorte para os deuses no panteão que cada um tinha uma definição de nome para cada divindade, confirme a função psicológica,

evidenciamos assim a memória, possui também essa função, norteadora que é atingir uma configuração do real com o imaginário, é nesse caráter que Mnemosýne, elabora as grandes categorias psicológicas, como o tempo e o eu. (Vernant, 1998, p.136).

É no ato das narrativas míticas que faremos um breve relato de como surgiu a origem

do aspecto da deusa da memória: a Mnemosýne: ela sabe- e ela canta- “tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será” Mas, ao contrário do adivinho que deve quase sempre responder às preocupações referentes ao futuro, a atividade do poeta orienta-se quase exclusivamente para o passado. Não o seu passado individual, e também nem o passado em geral como se se tratasse de um quadro vazio, independentemente dos acontecimentos que nele se desenrolam, mas o “tempo antigo”, com o seu conteúdo e as suas qualidades próprias: a idade heroica ou, para além disso, a idade primordial, o tempo original.

O poeta tem uma experiência imediata dessas épocas passadas. Ele conhece o passado porque tem o poder de estar presente no passado. Lembrar-se, saber, ver, tantos termos que se equivalem. É no lugar-comum da tradição poética opor o tipo de conhecimento próprio ao homem simples- um saber por ouvir dizer, baseando-se no testemunho de outrem, em propósitos transmitidos- ao do aedo entregue à inspiração e que é, como o dos deuses, uma visão pessoal direta. A memória transporta o poeta ao coração dos acontecimentos antigos, em seu tempo.

A organização temporal da sua narrativa não faz senão reproduzir a série dos acontecimentos, aos quais ele assiste de certo modo, na mesma ordem em que se sucedem a partir da sua origem. O desenvolvimento de uma mitologia, fórmula a ordem em que “o tempo se torna tempo humano com a narrativa”, encontramos definida e nomeada nos poemas de Homero e de Hesíodo, a associação do poeta para determinar as origens e fixar a rememoração dos acontecimentos dentro de um quadro temporal, em que o homem tem o desejo de compreender como se dava suas recordações/lembranças, através da narrativa que origina a memória do poeta e do sábio, permitindo assim, o homem de se introduzir no tempo, ao ver o seu passado por um sábio ou por uma pitonisa.

Os aspectos interpretativos da memória

De um salto da mitologia para a constituição da identidade nacional, percebemos Hall, que ao citar a teoria de Ernest Renan (1823-1892), fundamenta assim, a ideia de memória e nação, em que devemos “ter em mente três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma “comunidade imaginada”: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança” (Renan, 1990, p. 19), portanto, recorda-se é lembrar da memória vivida, por um passado dentro de um conjunto nacional e sem esquecer o

desejo de viver. E é assim que Lucy, se identifica, uma mulher que trará traços da memória pelo viés do corpo no tocante ao tornar-se puta, sem perder a característica de sua identidade pessoal e de sua memória coletiva.

Embasados no filósofo Hans-Georg Gadamer (1900-2002) que desenvolveu em *Verdade e método* (1960), o significado de uma obra literária, que nunca se esgota pelas intenções do autor, quando a obra passa de um contexto histórico para outro, ela extraí novos significados e, provavelmente, análises nunca imaginadas pelo autor ou por seu público, ressaltamos como isso, que o ponto que elencamos como fundamental, se dará no viés da oralidade , que embora fossem na literatura algo muito debatido, aqui, faremos uma nova análise que é a categoria da memória, no primeiro momento frisamos que o teórico Halbwachs faz sua propositura da memória a partir dos grupos sociais, isto é, uma memória coletiva, que advém de determinados grupos e da representação que eles têm do passado.

A memória coletiva, associada a lembranças a partir do contexto histórico e social, o nosso ponto de embarque, sem perder a coletividade de uma sociedade que enfatiza o individual é substituída pela figura do coletivo, enquadram a sociedade excludente

No basilar de uma narrativa, o mundo do texto, nos cabe a uma interpretação para além da articulação de uma abordagem única, portanto, teremos que a narratividade advém da memória, e essa memória é a identificação dessa personagem que centra-se numa atividade de contar de si e sobre si, perspectiva de Halbwachs (2013), “o passado é móvel, fluido, não é estanque, não se constitui em uma imagem”.

Logo, a memória desempenha no processo de uma construção narrativa contém pontos que determinam um tempo que pode ser revisitado pelo ato da recordação, a concepção que a narrativa nos coloca para o primeiro trecho que elencamos que é como a sociedade (coletividade), na definição de Halbwachs,

A sociedade em sua coletividade, e dentro de uma condição social, a arcada da sociedade que define, dentro dos padrões sociais, não é a recordação de si que falamos aqui, é a recordação que os outros têm sempre que sua definição ficará no imaginário da sociedade, a questão é: o que pode acontecer? Vivenciamos momentos em que a coletividade é que falará e representará o indivíduo dentro de seus anseios e desejos, de uma memória que não poderá nunca ser apagada.

Considerações Finais

Ressaltamos que esse artigo objetivou-se apresentar uma base teória que realizamos em forma de comunicação no VI Colóquio de Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, no sentido de apresentar como o processo de escuta e interação com a comunidade quilombola de Mata Cavalão, da cidade de Nossa Senhora do Livramento, aproximadamente 60 km de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso.

Dessa escuta, que faríamos em forma de registro (gravação em áudio) transcrição, seleção e análise, na construção das identidades culturais quilombola, a partir de quatro anciões selecionados, seria uma pesquisa com base etnográfica e bibliográfica apresenta uma visão metodológica qualitativa e substancial, pois iria registrar e interpretar os fenômenos cotidianos dos sujeitos quilombolas: coletar, transcrever e discutir narrativas, a partir da memória de sujeitos da comunidade de Mata Cavalão, ainda encontrá-se em andamento.

Referências

AMARAL, Amadeu. **Tradições Populares**. Estudo introdutório de Paulo Duarte. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo, Perspectiva, 1970.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. São Paulo: DP&A, 2006.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.